

ARTIGOS

Apontamentos sobre bibliotecas de escolas públicas do Oeste Paulista

Juvenal Zanchetta Jr.¹

Resumo

Este artigo analisa informações referentes a bibliotecas de escolas estaduais e municipais do Oeste do Estado de São Paulo. Partindo de entrevistas semiestruturadas com responsáveis pelas bibliotecas de cerca de 110 escolas, além de observação *in loco*, procura-se a articulação das informações e alguma análise acerca do discurso sobre a biblioteca presente no interior da escola. O texto mostra a falta de sintonia entre o discurso oficial e as práticas de uso da biblioteca escolar.

Palavras-chave

Leitura; literatura; biblioteca; escola.

Abstract

This paper analyses data about public schools libraries from west of São Paulo State. By means of interviews with 110 school libraries co-ordinators and visits *in loco*, this text forms the school libraries profile. The main conclusion is the lack of dialogue between formal discourse and libraries school customs.

Keywords

Reading; literature; library; school.

Introdução

Este texto analisa dados obtidos em entrevistas feitas com responsáveis pelas bibliotecas escolares (RBE) públicas municipais e estaduais, localizadas nos municípios de Assis, Marília e Presidente Prudente (Oeste de São Paulo). Trata-se de frente do projeto Literatura na escola: espaços e contextos – A realidade brasileira e portuguesa.² Foram empregados questionários semiestruturados, além de observação empírica sobre as condições físicas das bibliotecas. Todos os estabelecimentos foram visitados pelos pesquisadores.³ As questões foram respondidas por 109 sujeitos, um por escola. A tabulação das questões abertas foi feita com base na similaridade entre os argumentos apresentados. A significativa amostragem de escolas, situadas em diferentes contextos socioeconômicos, pode, até certo ponto, sugerir um precário esboço do quadro das bibliotecas escolares em São Paulo.

1 Doutor em Educação e professor ligado ao Departamento de Educação da Unesp-Assis. E-mail: zanchetta@assis.unesp.br

2 Projeto iniciado em 2007, desenvolvido sob a coordenação-geral de Renata Junqueira de Souza, com a participação dos professores Cynthia Giroto, Dagoberto Arena, João Luís Ceccantini, Juvenal Zanchetta Jr., Odilon Fleury Curado e Rony Farto Pereira.

3 Alunos dos cursos de Letras e de Pedagogia. Os professores responsáveis pela pesquisa visitaram ao menos 30% das escolas investigadas.

Perfil dos responsáveis pela biblioteca

Os RBE são, em geral, mulheres (85%), professoras (60%),⁴ estão na casa dos quarenta anos (70%), apresentam experiência profissional significativa (apenas 5% são professores há menos de cinco anos) e renda de até R\$ 2.000,00 (75%), embora a maioria tenha renda próxima da casa de R\$ 1.000,00. Esses números não destoam de outros levantamentos feitos na região (ZANCHETTA, 2007) ou no país (ANDRADE et al., 2004).

A biblioteca, ao menos em termos de administração escolar, é uma estrutura para alocação de professores (65%) que estão fora da sala de aula. Nas escolas estaduais, a grande maioria dos RBE é composta de professores readaptados. Nas escolas municipais, mais da metade dos RBE são professores, vários deles também readaptados. Não obstante o número expressivo de respostas em branco (24%), é possível supor que haja mais professores ocupando-se da biblioteca nas escolas municipais, posto o discreto número de voluntários, estagiários e funcionários designados para tal função (cerca de 5% das indicações). Entre os responsáveis que não são professores, a metade deles é formada de funcionários readaptados (atendentes e secretária de escola, entre outros).⁵ Em poucos casos, não há responsável pela biblioteca: o atendimento é feito a partir de rodízio entre funcionários.

Outros traços sobre o perfil dos RBE podem ser destacados:

- Além de não haver bibliotecários no grupo, a função de RBE não tem estatuto específico. Entre os professores, não há área de formação predominante (há apenas cinco professores de Língua Portuguesa, por exemplo).
- A estrutura da biblioteca, ressalvadas as exceções, foi construída historicamente pelo acúmulo de livros e de publicações. Essa cultura estende-se às escolas municipais.

- A inexistência de preparação para o trabalho com a biblioteca nas licenciaturas e mesmo em cursos de formação continuada faz sobressair o caráter incipiente do trabalho desenvolvido pelos profissionais para lá deslocados, bem como o voluntarismo do qual se reveste essa função.
- A biblioteca é menos uma estrutura pedagógica do que um lugar de acomodação de professores e funcionários afastados da sala de aula por razões diversas. Tal regra é quase absoluta nas escolas estaduais e também tendência clara nas escolas municipais.

Condições físicas da biblioteca

Quase a totalidade (95,4%) das escolas tem biblioteca e cerca de 70% delas estão em espaço próprio. Em 30% das escolas, a biblioteca está em local compartilhado com outras atividades ou mesmo em uma área improvisada. Tais números sugerem que a biblioteca faz parte da estrutura e não sofre mudanças constantes na rotina escolar.

Cerca de 90% dos RBE acreditam que as condições de acesso, de utilização e de controle da biblioteca são ótimas (32%) ou boas (54%). A percepção acerca das condições de acesso combina com a informação de que 64,2% dos respondentes consideram adequadas as mesas e as cadeiras da biblioteca.

O espaço da biblioteca é discreto. Embora consideradas boas ou ótimas instalações, 64% das bibliotecas ficam em locais com até 50m², e 45% dos RBE acham que tais locais são espaçosos. Isso ajuda a reforçar o argumento de que os profissionais ali envolvidos têm ligação mais administrativa e menos cultural com a biblioteca. Deixa-se entrever tal constatação também quando se pergunta acerca das condições de guarda e conservação das obras. Perto de 90% dos RBE afirmam que a guarda e a condição dos livros são boas ou ótimas.

4 Entre os demais responsáveis, destacam-se funcionários, também deslocados, agentes escolares e coordenadores pedagógicos, que acumulam essa atividade.

5 No tocante às disciplinas de origem dos professores, existe diversidade. Nas escolas estaduais, não há número maior de docentes de Língua Portuguesa. Nas redes municipais, os professores são polivalentes.

As limitações da biblioteca aparecem em questões específicas: o ambiente parece bem iluminado para 67% dos respondentes; quanto ao arejamento, a porcentagem dos que o consideram em boas condições cai para 59%; cerca de 48% dos informantes acreditam que a biblioteca facilita a pesquisa do aluno; em termos de distribuição do espaço, apenas 38% dos entrevistados afirmaram que as condições são adequadas; o ambiente parece silencioso para 33% do grupo.

As especificidades tendem a diminuir a assertividade em relação à adequação da biblioteca. Ainda que os percentuais indicativos de precariedade das instalações permaneçam baixos (inferiores à casa de 20%), há números expressivos (na casa de 40%) de respostas em branco. Tais dados, principalmente quando colocados diante de informações como a localização da biblioteca e as condições de acesso, utilização e controle (86% afirmam serem boas ou ótimas tais condições), mostram algum contraste, que pode ser explicado em razão de a biblioteca ser percebida como uma estrutura de arquivo e menos de pesquisa e de convivência de alunos com a cultura do impresso.

Ações feitas na biblioteca

A metade dos RBE assume não fazer atividades de leitura na biblioteca, ao passo que 43,1% disseram promovê-las. *Hora do conto* e *Roda de leitura*, somadas, estão em número próximo ao das *outras atividades*. As *outras atividades*, em grande parte, são o acompanhamento de atividades externas, propostas por professores ou pelos próprios alunos, ou ainda a indicação para a pesquisa bibliográfica dos alunos.

A biblioteca apresenta-se, em grande parte, acessível aos estudantes, que podem levar os livros para casa em 78% dos estabelecimentos e são desobrigados de ler na biblioteca em 93,6% dos casos. No entanto, a prática de controle da saída dos livros, por meio de uma carteirinha, é pequena (apenas 22% das escolas o fazem), o que pode indicar frequência discreta à biblioteca. Outras estratégias de registro são adotadas em menos de 10% das escolas (fichas para o registro de retiradas, marcação em livro próprio etc.). Em aproximadamente 40% dos casos, os alunos vão à biblioteca apenas com os professores.

É provável que as estratégias de controle de saída dos livros aconteçam principalmente nas escolas estaduais. Já nas escolas municipais, a prática de compor pequenas bibliotecas em salas de aula é comum. A metade das escolas afirma ter sala ou *cantinho de leitura* – haveria esse espaço em todas ou em várias salas da mesma escola. Nas demais, haveria uma ou duas salas com tal conformação. Em quase 30% das escolas, os professores levam seus próprios livros para a sala de aula.

Em que pese o dinamismo de colocar o aluno em contato direto com o livro, na sala de aula, diversos são os depoimentos de pesquisadores *in loco* que informaram acerca da quantidade limitada de obras disponíveis nas salas de leitura, muitas vezes compostas por alguns poucos exemplares. Em termos de biblioteca, é preciso frisar que os acervos maiores são aqueles pertencentes às escolas estaduais, que receberam, durante décadas, publicações provenientes de programas governamentais, afora os livros cedidos por doação e por outras iniciativas circunstanciais.

A biblioteca, em termos de iniciativa para seu funcionamento, depende da ação de professores. Os RBE atuam essencialmente, ainda que haja exceções, como controladores da circulação de pessoas e de obras. Evidencia-se o papel administrativo, em detrimento do papel mediador. Entretanto, não é possível afirmar que as bibliotecas não funcionariam sem a ação direta dos professores. Em vários depoimentos, observa-se a ação, mesmo que isolada, de promoção de trabalhos da/na biblioteca. É fato, porém, que tal ação se deve mais à iniciativa pessoal de um ou outro agente educacional do que a uma iniciativa programática.

Organização das bibliotecas

São diversas as formas de ordenação dos livros na biblioteca: por gênero (32%), por tombo (25%), por faixa etária e idade (22%) e por série (16%). Há estratégias para facilitar a pesquisa em quase metade das escolas, não obstante a circunstância de, numa boa parte delas, depender-se da ação do RBE. Por outro lado, tais modos de ação privilegiam mais o controle do acervo do que a promoção dos livros. Em nenhum momento registrou-se a disposição dos livros levando-se

em conta critérios de atualidade ou de importância, por exemplo. Antes, o contrário: em algumas escolas estaduais, livros recém-publicados ou novos são guardados e circulam apenas mediante solicitação específica do professor ou do próprio aluno (mas este precisa *descobrir* o livro no acervo).

Cerca de 40% das escolas informam comprar livros para a biblioteca. Já a metade delas não tem essa prática, reforçando a ideia da dependência em relação a programas governamentais, em razão da falta de cultura do livro como objeto de consumo, revestido de novidade e atratividade. Prevalece a sugestão do livro como algo próximo do sagrado, acessível a partir dos caminhos já sabidos (o livro passa a ser conhecido na sala de aula ou por meio de situações ocasionais, como a indicação de um amigo ou parente). Quando promovidas compras de livros, entre os critérios adotados ressalta-se que as obras são adquiridas principalmente a partir da indicação dos professores. O preenchimento do acervo tende a ser feito sem a orientação de fontes especializadas.

A maioria das escolas não mantém assinatura de revista alguma (65%). Entre as que assinam, destaca-se a preferência por publicações pedagógicas (47%). A presença de jornais é pequena: 77% das escolas não assinam jornais impressos. Entre os estabelecimentos que assinam ou recebem jornais gratuitamente destacam-se publicações locais. A pouca incidência de jornais e revistas, em caráter regular, reforça a ideia de que não se usa a biblioteca como espaço de circulação de informações.

Em relação ao acervo de obras literárias para crianças e jovens, as informações são por demais lacunares. A metade dos RBE afirma que suas escolas contam com até mil obras dessa natureza. Em cerca de 30% das escolas haveria até 4 mil obras no acervo (mas, nesse grupo, dois terços dos responsáveis não sabem precisar um número específico de livros). As escolas com mais livros são, na maioria, estabelecimentos pertencentes à rede estadual.

Metade das bibliotecas diz ter pelo menos a metade de seu acervo formada com livros recebidos há menos de cinco anos. Isso se explica por conta das escolas municipais, em geral criadas e equipadas em anos recentes (graças ao processo de municipalização). No caso das escolas estaduais, o incremento de programas governamentais

nos últimos anos tem sido decisivo para a ampliação dos acervos. Os programas oficiais são responsáveis por 65% da composição do acervo de obras literárias. Compra direta (17%) e doações (10%), estratégias que implicam iniciativa da comunidade escolar, são visíveis; todavia, repercutem pouco no conjunto das obras.

O empréstimo e a leitura de livros na biblioteca têm números discretos em metade das bibliotecas, mas revelam a existência de um circuito que transforma esse espaço em parte da vida escolar. A biblioteca tem frequência intensa em aproximadamente 20% das escolas, onde, segundo os responsáveis, oitenta alunos ou mais (até o número de 240, mencionado em uma das escolas) recorrem a ela diariamente. Em quase metade das escolas, a frequência varia entre vinte e sessenta alunos por dia. Em 23%, a frequência alcança até vinte alunos por dia. Em que pese haver movimentação permanente na maioria das bibliotecas, é possível também dizer que esse trabalho se sustenta, em boa parte das escolas, por conta da ação de determinados professores, ao encaminharem seus alunos para o acervo, para atividades diversas. Sem esse procedimento, a frequência espontânea talvez revelasse números bastante tímidos.

A ação decisiva dos professores confirma-se ainda no que diz respeito às motivações para a frequência à biblioteca. A ordem ou recomendação de professores é responsável pela maior parte das visitas ao acervo (43%), seguida da curiosidade pessoal (32%) e da sugestão de colegas e familiares (14%). Cerca de 5% das respostas caminham na direção de mostrar o diálogo entre o aluno e o responsável pela biblioteca.

Entre as obras de maior circulação, estão textos assentados ou pela história da escola ou pela mídia. Por conta das escolas municipais, em maior número e responsáveis pelos primeiros anos do Ensino Fundamental, as obras que mais aparecem fazem parte da bagagem cultural escolar já secular: os contos de fadas, tendo à frente versões de *Chapeuzinho Vermelho*. Não é possível identificar quais seriam as versões desses contos disponíveis na escola, mas é possível inferir que boa parte dessas obras tenha sido a ela destinada por doações ou mesmo adquirida pela indicação de professores. Em segundo lugar, estão coleções consagradas pela cultura escolar, como a Série Vaga-Lume, ou destacadas pela mídia, como os livros

da série *Harry Potter*. Outros *best-sellers* são citados, como textos de Agatha Christie e o *Diário de Anne Frank*. Em terceiro, estão histórias que fazem parte do ideário escolar, como os textos de Monteiro Lobato, Maria José Dupré, Marcos Rey e Pedro Bandeira. Autores contemporâneos aparecem em número reduzido (Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Ziraldo e Ricardo Azevedo).

A distribuição de livros de autores prestigiados (por meio de programas governamentais) não implica a circulação dessas obras. Prevalece ideário composto pela mídia e pela cultura escolar. A opção pelos clássicos infantis entre as preferências dos alunos justifica-se também pela composição dos acervos. Na divisão entre obras clássicas, contemporâneas e de pouca expressão, os respondentes indicam, na maioria das vezes, os clássicos como os mais recorrentes na biblioteca. Em seguida viriam as obras contemporâneas (publicadas a partir de 1980). A busca por contos de fadas e por séries já antigas como a *Vaga-Lume*, uma das mais lembradas, mostram que tais livros são colocados na *linha de frente* das bibliotecas, talvez diferentemente do que é feito com as obras mais recentes.

Representações acerca da biblioteca

A entrevista com os RBE incluiu um conjunto de questões abertas, relativas às impressões do responsável sobre os agentes escolares, concernentes à biblioteca. Um traço importante parece ser o da dependência hierárquica. No caso de escolas municipais, a figura do bibliotecário está muito vinculada à do diretor e à do coordenador da escola. Embora menor, o atrelamento do RBE nas escolas estaduais também acontece, pois cabe à direção e à coordenação a definição dos procedimentos e dos trabalhos a ser desenvolvidos em relação ao acervo. Esse tipo de interação, por um lado, mostra a sintonia entre a equipe pedagógica da escola, mas pode ocultar a falta de plano para a biblioteca. Quando questionados sobre a opinião da direção a respeito do papel da biblioteca e da literatura de ficção, as respostas são, em boa parte, semelhantes, destacando-se o empenho da direção e o papel decisivo da administração.

Afora um pequeno grupo de respostas (cerca de um quinto delas), o conjunto revela sintonia entre direção e bibliotecários. Em primeiro

lugar, parece estar o senso comum que não questiona o papel de apoio da biblioteca e que sabe de sua importância para a formação das pessoas. Respostas nesse diapasão dificultam a observação do efetivo papel que a biblioteca desempenha em cada escola, pois o discurso político encobre a narrativa sobre a prática cotidiana.

O papel do coordenador pedagógico tende a ser, na visão do RBE, mais claramente edificante. O coordenador é o incentivador do uso do acervo e o profissional que aparece mais próximo de sua rotina. Em alguns poucos casos, há empenho explícito ou mesmo a duplicação de funções, com o coordenador sendo responsável também pela biblioteca. No mais, há o incentivo para que os professores façam uso daquela estrutura e sintonia entre o responsável e o coordenador: as respostas são mais efusivas, dando conta do efetivo entrosamento entre esses agentes, bem como do empenho do coordenador para a realização de atividades na biblioteca.

Sobre a opinião dos professores a respeito do papel da biblioteca e da literatura de ficção, do ponto de vista do RBE, as considerações são bastante semelhantes às feitas em relação à direção. De maneira geral, a biblioteca é valorizada como lastro para as atividades pedagógicas – mas não como um espaço próprio e sim como um suporte de apoio à sala de aula. Quando isso não ocorre, seja pela falta de biblioteca, seja pela sua precariedade, há reclamação. Em alguns depoimentos, observa-se o papel instrumental da biblioteca, como o de colaborar para campanhas de informação (Dia do Índio, Páscoa, festa junina). Há muitas respostas em branco (cerca de 30%); e algumas respostas bastante pessimistas, seja para falar da falta de obras, seja para alertar a respeito da pouca atenção dos professores em relação a ela.

Considerações finais

Por um lado, há profissionais empenhados, estruturas regulares, acervos consolidados e um discurso sintonizado entre os agentes, que sublinha a importância da biblioteca e da literatura de ficção. Por outro, a inexistência de preparação específica, a predominância de estruturas centradas no arquivo, o despreparo em termos de estratégias para a consolidação da leitura e da biblioteca no imaginário estudantil mostram território pouco vibrante.

O perfil dos livros de maior aceitação entre os alunos denuncia a discreta participação da biblioteca e mesmo do papel do professor como estimulador do uso da biblioteca e da leitura literária: são obras difundidas pela mídia ou que fazem parte da cultura escolar mais antiga (contos de fadas ou livros da Série Vaga-Lume). Mas, ainda assim, a presença de autores contemporâneos e de clássicos juvenis entre as escolhas revela trabalho efetivo – e, portanto, possível de ser multiplicado em suas experiências exitosas de incentivo à leitura. Outras considerações podem ser feitas, algumas das quais inspiradas em ideias de reconhecidos especialistas em bibliotecas de modo geral, como Milanesi (1986) ou Kuhlthau (2002), ou em bibliotecas escolares, mais especificamente, como Campello (2009) ou Maroto (2009):

- a) a necessidade de observar a biblioteca como conteúdo a ser enfrentado nos cursos de licenciatura, com vistas a romper com a ideia de que tal espaço está restrito a determinadas ações, como a pesquisa ou a busca pontual por livros;
- b) a inserção de outros recursos, para transformá-la em lugar de memória coletiva das atividades da escola, da vida na comunidade, dos pontos de vista dos estudantes em um determinado momento;
- c) o desenvolvimento de roteiros mínimos de títulos para a leitura de obras literárias, sobretudo aquelas ligadas a programas governamentais, com vistas a orientar professores e RBE na divulgação das obras disponíveis;
- d) a composição de arquivos temáticos, contando com textos literários, textos informativos e canções, incluídos os conteúdos obtidos na internet. Tem-se aí uma alternativa não apenas para inserir o livro de ficção ou de poesia no cotidiano das preocupações juvenis, como também uma atividade de subsídio para a apreciação das próprias obras literárias; e
- e) a pesquisa permanente por sítios de informação, que possam subsidiar pesquisas sob diferentes temas. Some-se a isso a busca por estratégias de convergência entre textos informativos e textos literários, por meio de resenhas, de notas sobre obras literárias, de pesquisa por livros na própria internet; ou o contrário, isto é, tomando-se a leitura de textos literários para estimular o contato com outros tipos de texto ou campos temáticos.

A continuidade do atual cenário perpetua ações isoladas e distancia ainda mais o jovem leitor dos livros e da biblioteca, algo complicado em meio à forte expansão dos meios digitais de comunicação. Há, no entanto, indicações claras da fertilidade desse cenário:

- a) livros da Série Vaga-Lume, mesmo surrados e simbólicos de um tempo já distante do universo juvenil contemporâneo, continuam entre os mais lidos. Obras como *A ilha perdida* (Maria José Dupré) conseguem ainda dialogar com os estudantes de hoje, e isso ocorre, em parte, porque estão *disponíveis*: são colocadas à vista dos alunos, podendo ser manuseadas (ao contrário do que se faz com livros mais novos, guardados em estantes às vezes trancadas); e
- b) títulos da série *Harry Potter*, nem sempre disponíveis por caminhos oficiais, são adquiridos por algumas bibliotecas escolares, usando recursos provenientes de multas por atraso na devolução de obras. Afora a influência midiática, a compra desses títulos deve-se, em alguns casos, à sensibilidade havida na relação entre os RBE e os leitores.

A presença de tais obras no ideário escolar deve-se à ação massiva de uma indústria cultural especificamente voltada para os jovens. No entanto, em consonância com a argumentação de Ceccantini (2004), essa aceitação também contradiz ideias comuns em relação à leitura literária entre os estudantes, como: a) não gostam de ler; b) não leem textos longos; e c) interessam-se apenas por temas muito próximos da sua vida cotidiana. Em contraposição, os exemplos destacados mostram ainda a resistência da leitura literária, observada dentro e fora do quadro de formalidades do discurso e da prática escolar.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, E. R. et al. O perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam... *Pesquisa Nacional Unesco*. São Paulo: Moderna, 2004.
- CAMPELLO, B. S. *Função educativa do bibliotecário na escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CECCANTINI, J. L. Literatura infantil: a narrativa. In: _____; PEREIRA, R. F. (Org.). *Cadernos de formação: Língua Portuguesa*. São Paulo: Unesp, 2004. v.2.

KUHLTHAU, C. *Como usar a biblioteca na escola: um programa de atividades para o ensino fundamental*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

MAROTO, L. H. *Biblioteca escolar, eis a questão: do espaço do castigo ao centro do fazer educativo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MILANESI, L. *Ordenar para desordenar: centros de cultura e bibliotecas públicas*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

ZANCHETTA JR., J. Formação de professores no contexto acadêmico e pedagogia cidadã: introdução. In: PALMA FILHO, J. C. (Org.). *Pedagogia cidadã: uma nova prática na formação do educador*. São Paulo: Unesp/Pró-Reitoria de Graduação, 2007.

Recebido em março de 2009 e aceito em fevereiro de 2010.